

Jornal da Tarde

14/7/1986

A batalha de Leme

BRAÇOS CRUZADOS: TENSÃO NO CAMPO.

Na região de Ribeirão Preto, maior produtora de cana do País, os bóias-frias podem fazer greve amanhã.

A greve pode atingir doze cidades da região. Reunidos ontem os líderes dos trabalhadores rurais deram prazo até amanhã para chegar a um acordo com os usineiros. Depois dos conflitos de Leme, eles dizem que muitos estão dispostos à violência se a polícia intervir.

Reunidos ontem em Ribeirão Preto, dirigentes de sindicatos rurais dessa região — a maior produtora de cana do País — deram prazo "até amanhã para que se chegue a um acordo entre bóias-frias e usineiros. Caso contrário, garantem eles, será praticamente impossível evitar a greve.

As cidades mais críticas, segundo eles, são Sertãozinho, Serrana e Santa Rosa de Viterbo, que somam quase 20 mil bóias-frias. Nos dois primeiros municípios, foram realizadas assembléias nos últimos dias e os trabalhadores aceitaram aguardar os resultados da mesa-redonda marcada para amanhã a tarde, na sub-Delegacia Regional do Trabalho, em Ribeirão Preto.

"Se pipocar a greve em algumas localidades, no outro dia todo mundo pára", avalia o secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pitangueiras, Mauro Bouças, advertindo que os bóias-frias 'estão revoltados com os incidentes de Leme e dispostos a partir para a violência se houver intervenção da polícia. "Ao Invés de amedrontar, parece que os acontecimentos de Leme encorajaram o pessoal", acrescenta Celso Luiz Delbui, presidente do Sindicato de Santa Rosa de Viterbo.

Piquete no canavial

Os sindicalistas decidiram pedir na DRT a inclusão de todas as cidades da região nas negociações de amanhã com os empresários. Eles vão apresentar a mesma pauta de reivindicações aprovada em Serrana e Sertãozinho: elevação da diária para Cz\$ 60,00; pagamento de Cz\$ 18,00 pela tonelada da cana de 18 meses e Cz\$ 17,00 pelas demais, tanto nas usinas como nos fornecedores; e querem ainda a redução da jornada de trabalho aos sábados.

A maioria dos líderes presentes — representando sindicatos com área de atuação em Cravinhos, Santa Rosa, Pitangueiras, Sertãozinho, Jaboticabal, Guariba, Monte Alto, Taiúva, Vista Alegre do Alto, Taiaçu e Pirangi — criticou o acordo feito há um mês entre a Fetaesp e a Faesp, em São Paulo. "O preço acertado é 15% menor do que estão pagando por aqui", denunciou José de Fátima, presidente do sindicato de Guariba.

Fátima, que recentemente trocou o PT e a CUT pelo PDS, voltou atrás nas suas afirmações do dia anterior e agora já admite que os trabalhadores de Guariba poderão entrar em greve. "A região" — assinalou — "está desmobilizada, mas, se as outras cidades saírem na frente, nós vamos consultar as bases para decidir a greve. Não queremos é ser responsabilizados de novo pela Fetaesp e pela CUT de fazer uma greve inoportuna". Ele sugeriu, inclusive, ao invés de piquetes na saída das cidades, que o aliciamento seja feito nos próprios canaviais, onde "a polícia não entra".

A reunião de ontem, realizada pela manhã no Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto, foi convocada pela CGT, mas não teve um comparecimento maciço de sindicalistas, como era esperado. Mesmo assim, os dirigentes presentes resolveram que as negociações, pelo menos naquela Arca, serão feitas por região, entre eles próprios e os usineiros, sem a participação da Faesp.

Outras regiões

A situação dos bóias-frias na região de Piracicaba é calma, mesmo sendo um dos principais centros produtores de cana-de-açúcar do Brasil. "Houve acordo entre empregados e patrões, e todos trabalharam tranquilamente", garante José Perin, presidente do Sindicato Rural local, que afirma não ter acompanhado os incidentes de Leme.

Já José Coral, diretor da Cooperativa de Plantadores de Cana e vereador pelo PFL, mas eleito pelo PDS, disse que os acontecimentos de Leme "foram pura agitação política. O trabalhador quer trabalhar e por infelicidade do presidente do Sindicato, que foi insuflado e iludido por petistas e pelo prefeito de Leme, a greve continuou. Se não fosse a agitação política, nada disso teria ocorrido".

Coral disse também que a maioria dos bóias-frias queria voltar ao trabalho. "O salário é compensador, mas não deixaram", finaliza.

Em Jaú, outra importante região produtora de cana no Estado, houve, há 20 dias, uma greve que durou menos de 48 horas e paralisou 500 cortadores de cana da Usina Diamante. Mas não aconteceu qualquer outra manifestação de trabalhadores rurais nos últimos dias, mesmo diante dos problemas surgidos em Leme, na sexta-feira passada. "Aqui, a situação é bastante calma, mas, se os patrões continuarem descumprindo o que foi estabelecido pelo acordo Faesp-Fetaesp, os trabalhadores podem parar, e reivindicar os seus direitos", disse o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaú, Hermínio Stefanin.

Ao denunciar que os patrões "não estão cumprindo o acordo firmado em 25 de junho último", Stefanin disse que toda a classe de trabalhadores rurais "está revoltada com o que aconteceu em Leme, no final da semana passada". Segundo o líder sindical, muitos trabalhadores foram à sede do sindicato manifestar solidariedade aos colegas de Leme. O presidente da entidade, que manteve contato telefônico com o Sindicato de Leme, se ofereceu para viajar àquela cidade, com um grupo de trabalhadores, para apoiar o movimento.

Amanhã, acontece a primeira reunião no posto regional do Ministério do Trabalho em Jaú, para discussão dos salários dos trabalhadores rurais não vinculados à safra de cana. Eles reivindicam um mínimo de Cz\$ 1.800,00 mensais, ou seja, uma diária de Cz\$ 60,00. A data-base desses trabalhadores é 15 de setembro, e hoje eles ganham em torno de CZ\$ 1.000,00 por mês.